

# Sintonizando Sensações e Emoções com Roteiros de Turismo Alternativo: um estudo com praticantes de atividades físicas na natureza

Syntonizing Sensations and Emotions with Alternative Tourism  
Routes: a study with practitioners of physical activities in nature

*Jaqueline Costa Castilho Moreira<sup>1</sup>*  
*Gisele Maria Schwartz<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este estudo exploratório investigou, na visão de praticantes de atividades físicas em ambiente natural, as emoções e sensações advindas do estreitamento do contato humano com esses locais de vivência. Foi desenvolvido por meio da utilização adaptada do questionário de demanda de Beni (1997), durante atividades de trilha e acampamento. Os resultados foram analisados de forma descritiva, indicando as impressões agradáveis e desagradáveis dos praticantes, sendo que os roteiros mais fáceis permitem maior grau de adesão. Os meios de conhecimento e divulgação das atividades são, principalmente, o conselho de amigos e parentes, viagens anteriores e mídia impressa, tornando-se imprescindível o aprofundamento nessas questões, no sentido de aprimorar a qualidade nessas relações.

**PALAVRAS-CHAVE:** turismo; sensações; emoções; roteiros e lazer.

**ABSTRACT:** This study aimed to investigate, in the natural environment physical activities apprentices vision, the emotions and sensations from the human close contact with these places, and it was developed through the use of Beni's demand questionnaire (1977), applied to learner, during trail activities

and camping. Data were analyzed in a descriptive way, indicating that pleasant and displeased impressions were linked to the infrastructure details and routes, and the easiest routes allow larger adhesion degree. The knowledge means and popularization of these activities are, mainly, through friends and relatives advice, previous trips and printed media, becoming indispensable to study these subjects deeply, in the sense of improving quality in these relationships.

**KEYWORDS:** tourism; sensations; emotions; itinerary and leisure.

## Introdução

O hábito de realizar atividades diretamente em contato com a natureza existe desde os primórdios da civilização, como caminhar, acampar e pescar, representando uma necessidade de sobrevivência ou atividades no âmbito do lazer. No entanto, a partir da década de 1980, em uma tentativa de contraposição à crescente urbanização e à cultura voltada para a geração de produção e informação, as atividades do contexto do lazer passaram por um desenvolvimento conceitual.

O estresse gerado pela vida nos grandes centros, o aumento do tempo livre em função da maior expectativa de vida e da redução da jornada de trabalho, e as exigências quanto à organização do lazer demandaram novas dinâmicas econômicas e sociais. Nesse sentido, o turismo passou a representar uma fonte de oportunidades, tanto de fruição e lazer quanto de campo de trabalho, tornando-se uma indústria bastante promissora, chegando à posição de primeiro setor da economia mundial nos anos 1990 (Betrán, 2003). Em termos acadêmicos, o turismo e, em especial, as Atividades Físicas de Aventura em Ambiente Natural (AFAN) passaram a representar uma grande área de estudo, por evidenciarem as características e as potencialidades emocionais de locais e das pessoas envolvidas.

O intuito gerador desta reflexão foi estabelecer o que impulsiona uma categoria de pessoas a procurar ambientes naturais em momentos de lazer. A hipótese de que esse público possua perfil socioeconômico semelhante, formas específicas diferenciadas de interação com a natureza e que envolvam mais do que a busca pela *performance* ou fuga do ritmo cotidiano, contribui para a relevância do estudo. Além disso, apresenta indícios aos profissionais de turismo, do lazer e de atividades físicas, para abordagens estratégicas do desenvolvimento do turismo alternativo.

Esse estudo teve como objetivo investigar, junto aos praticantes, as emoções e sensações advindas do estreitamento do contato humano com locais de vivência de AFAN.

1. Mestranda em Ciências da Motricidade – UNESP, Rio Claro, pós-graduanda em Atividade Motora Adaptada – FEF-UNICAMP; pesquisadora no LEL – Laboratório de Estudos do Lazer DEF/IB/UNESP, Rio Claro; professora de ensino fundamental. Contato: R. Ceará, 2766 – 4090-300 – Ribeirão Preto-SP; e-mail: jackycastilho@uol.com.br.

2. Livre-docente pela UNESP, Rio Claro e doutora em Psicologia pela USP; docente nos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de Educação Física da UNESP, Rio Claro e Coordenadora do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer DEF/IB/UNESP, Rio Claro. Contato: Av. 24A, 1515 – 13506-900 – Rio Claro-SP; e-mail: schwartz@rc.unesp.br.

## Considerações teóricas

São vários os estudiosos que se dedicam ao assunto. McIntosh (1977), privilegiando uma visão econômica, articula o conceito de turismo à atração, ao transporte, ao alojamento, à satisfação de necessidades e de desejos dos visitantes. Outra abordagem é de Jafari (*apud* Beni, 1997), que evidencia uma visão mais holística para o termo, apresentando-o como o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades e dos impactos gerados por todos nos ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora.

Uma diferente perspectiva sobre turismo está associada a uma conceituação técnica, definindo quem é turista e quem é excursionista, em função de objetivos, da duração das viagens e da distância percorrida, como uma maneira de homogeneizar os dados de mercado dessa indústria para aplicação internacional.

Paralelo à via preferencial de crescimento do setor, que é a satisfação de um consumidor genérico, padronizado e generalizado, desenvolve-se o turismo em áreas verdes. Esta subdivisão engloba todas as atividades executadas fora do meio urbano. Com características peculiares, como a sustentabilidade como atividade, tem seu *marketing* voltado para suprir as características psicoafetivas do homem urbano e da sociedade pós-industrial (Beni, 1997).

Conceito similar é o do “turismo alternativo”, representado por viagens que se desenrolam em recantos inexplorados e afastados, para as quais os sujeitos renunciam às infra-estruturas turísticas normais, alojando-se de acordo com os hábitos locais, acreditando poderem viver uma verdadeira aventura, longe da civilização. Krippendorff (1989: 77) completa o termo, evidenciando que “o imperativo essencial dos turistas alternativos é o de dissociar-se do turismo de massa”. As atividades proporcionadas pelo setor e vivenciadas no contexto do lazer surgem como opção àquela geralmente vivenciada ao sol e nas praias, colaborando ativamente na recuperação de territórios geográficos preteridos, dos pontos de vista econômico, demográfico e social.

Betrán (2003) apresenta outros argumentos teóricos, capazes de fundamentar em novas bases essa discussão. O autor aponta a transformação da estrutura do ócio, de passivo para ativo, e o surgimento de novas demandas. Somam-se a essas mudanças a necessidade de novas satisfações e, com elas, de novos produtos de consumo – mais específicos, segmentados, personalizados, intensivos, multitemáticos, complexos e diversos –, além do aumento no grau de exigência dos consumidores.

Preconiza, ainda, que atividades como caminhar, acampar e pescar sofreram alterações. Houve uma “sofisticação” em conteúdo e forma, por meio da incorpora-

ção de subsídios técnicos, materiais, ferramentas e equipamentos mais adequados, e uma maior exigência quanto à infra-estrutura física e logística.

Esse público, ansioso por modificar suas preferências receptivas e resgatar seu corpo hedônico, está aberto a novas possibilidades de autoconhecimento, ao permitir a promoção de diferentes formas de vivências motoras alternativas<sup>3</sup> pelos profissionais da área de turismo, lazer e atividades físicas.

As incertezas de que a natureza dispõe e a energia que tais práticas proporcionam permitem que o indivíduo tome contato com emoções prazerosas, sensações de risco, possivelmente construindo uma aventura figurada (Betrán, 2003). Concorda com este pensamento Bruhns (2003: 31), ao afirmar que “[...] o surgimento de novos esportes (se assim podem ser denominados), envolvendo mais do que a busca por uma performance, uma busca por sensações e emoções”. Corrobora a questão Schwartz (2000), ao salientar que existem autores preocupados em associar movimento humano a imagens internas de afetividade, emoção e prazer.

Nesse momento, torna-se importante pontuar alguns conceitos operacionais, referentes às sensações e emoções. Myers (1999) classifica as *sensações* como processos pelos quais nossos receptores sensoriais e nervosos recebem e representam energias de estímulo do ambiente.

Amplia a discussão Machado (2000: 287), que as define como aplicações práticas das grandes vias aferentes, “aquelas que levam aos centros nervosos supra-segmentares os impulsos nervosos originados nos receptores periféricos”. Para esse autor, as sensações são responsáveis pelo reconhecimento do mundo externo, através das diferentes formas de sensibilidades especiais (visão, audição, gustação, olfação, equilíbrio) e geral, composta por tato protopático (grosseiro), tato epicrítico (discriminativo), sensibilidade à pressão, à temperatura (calor e frio), à dor somática (na pele, em áreas localizadas, musculares ou articulares), a dores viscerais (dores difusas), além da propriocepção consciente (referindo-se à posição das articulações) e propriocepção inconsciente (referindo-se ao tônus muscular e aos estados de semicontração muscular).

Machado (2000) refere-se às *emoções* como sendo um complexo estado biopsicofísico, o qual envolve modificações de respiração, circulação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou depressão, relacionadas aos processamentos desencadeados pelo sistema límbico.

3. Essas idéias referentes à motricidade são compartilhadas por Schmidt e Wrisberg (2001), ao tratarem da importância da solicitação de ajustes corporais às práticas randômicas e na aquisição de habilidades abertas, executadas em ambientes imprevisíveis, as quais necessitam de adaptações constantes em resposta às propriedades dinâmicas do meio.

James (*apud* Damásio, 1996: 159) postula a existência de um processo básico em que determinados estímulos no meio ambiente excitam, por meio de um mecanismo inflexível e congênito, um padrão específico de reação do corpo. Para ele, “cada objeto que excita um instinto excita também uma emoção”.

Apesar de a prática de atividades físicas na natureza não ser nova em si, merece sistematização em seu estudo por remodelar o conceito de lazer.<sup>4</sup> Tais práticas, como descreve Krippendorf (1989: 49), delinearam uma crescente tendência para o lazer ativo ao ar livre, desde a década de 1970. Em seu estudo, o autor obteve como respostas à pergunta “qual ou quais as atividades que praticou durante as férias de 1985?” um valor de 71% da amostra pesquisada citando passeios; (65%) nadar e tomar banhos de mar; e (61%) fazer excursões pelos arredores. Conclui Krippendorf “que, enquanto algumas pessoas têm mais necessidade de calma e ponderação, outras preferem a atividade e o estímulo” (1989: 39).

Beni (1997: 418) também relaciona as atividades esportivas e recreacionais alternativas a:

[...] atividades desenvolvidas individualmente ou em equipe, com intensa participação dos praticantes, realizadas em ambientes silvestres ou selvagens, afastados das rotas tradicionais, por grupos homogêneos e reduzidos, apoiados por uma estrutura básica primária e com manejo artesanal ou técnico sumamente personalizado.

Serrano (2000), em revisão sobre o termo “ecoturismo”, verificou suas múltiplas definições. Mas assevera que o vetor da discussão aponta o “ecoturismo” para as atividades com múltiplas possibilidades e especialidades de práticas, desenvolvidas em meio natural de caráter ativo e passivo. É um segmento da atividade turística com princípios básicos de sustentabilidade dos recursos, conservação dos patrimônios (cultural e natural) e promoção do bem-estar da população envolvida.

Para Marinho (2003), essas atividades também recebem inúmeras outras conotações, inserindo os termos “turismo de aventura”, “esportes de aventura”, “eco-esportes” e “esportes radicais”, mas que carecem de terminologia e conceituação clara e precisa.

Devido às suas características peculiares quanto aos aspectos do risco controlado, à busca pelas sensações e pelas emoções junto à natureza, às vivências lúdicas e aos elementos sociabilizantes de cooperação e de inclusão, que fazem valer a dimensão corporal e motriz do ser humano, surge o termo “atividades físicas de

aventura na natureza” (AFAN), cunhado por Betrán (2003). Disponibilizadas para pessoas comuns, sem distinção de sexo, faixa etária ou nível social, valorizando o indivíduo, o cooperativismo da união em se chegar a um fim comum e à aventura (Silva, 2004), as AFAN vêm se propagando. As AFAN são classificadas por Betrán (2003), conforme apresentado na Tabela 1.

O desenvolvimento dos aparatos tecnológicos (materiais e equipamentos); o aparecimento de operadoras de turismo; a disponibilização de diversos níveis de roteiros; a crescente capacitação de guias turísticos/monitores e a oferta de cursos específicos para cada modalidade transformaram o que antigamente era considerado de alto risco em baixos índices de acidentes.

Esse reencontro entre lazer, natureza, sensações e emoções pode ser evidenciado nos estudos de diversos autores, como Bruhns (2003), que enfoca as AFAN como estímulos às reações e sensações, permeados pelos órgãos de sentido. Ribeiro (1998) evidencia ainda que as AFAN permitem ao usuário sentir, perceber, tocar e experienciar diretamente as coisas a sua volta.

Costa e Tubino (1998) salientam a tendência de as pessoas recorrerem às AFAN com o intuito de experimentar novas e diferentes sensações e percepções, e obterem um controle maior de suas emoções, além de encontrarem novos significados para sua existência. Serrano (2000) relata sobre a sensação de liberdade, redescobrimiento de capacidades e de limites de experimentação de novas percepções, o que, segundo esta autora, geraria inúmeras emoções, tornando a prática bastante significativa.

Almeida (1999) enfatiza que a prática dessas atividades se dá pela via do contágio, por meio da transmissão emocional de sensações positivas e prazerosas. Pensamento complementado por Silva (2004), ao ressaltar, em sua pesquisa relacionada à participação feminina nas AFAN, que as mulheres sentem um melhor controle de emoções e rapidez na tomada de ações, tanto em caráter pessoal como profissional.

Outras características emocionais percebidas com a prática de AFAN são a internalização da auto-superação e as ressonâncias afetivas, advindas do prazer percebido pelo outro, representado pela fala de amigos sobre suas aventuras.

No entanto, outras sensações e emoções que não são tão positivas também estão presentes nas AFAN. Ao se intensificarem os níveis emocionais, instala-se uma forma de estresse bem peculiar, causado muito antes da viagem propriamente dita. Inicia-se com a escolha do roteiro e a preparação para a atividade. Passa pela tensão do deslocamento, abrangendo desde o local de escolha, a situação em que se encontra o meio ambiente, o acesso, a distância do percurso e as condições climáticas, até a infra-estrutura: hospedagem, alimentação, equipamentos receptivos, densidade e habitabilidade (Beni, 1997).

4. Dumazedier (1971), em três concepções básicas: descanso, diversão e desenvolvimento da personalidade.

Tabela 1. Classificação das AFAN – Atividades Físicas de Aventura na Natureza

AMBIENTE FÍSICO	Meio: ar, terra e água.	Plano: vertical e horizontal.	Grau de incerteza: normas de segurança.	Fenômenos meteorológicos.	Condições de relevo.
AMBIENTE PESSOAL	Dimensão Emocional: condutas ascéticas.		Sensação: prazer e descanso, risco/ver- tigem, perspectiva da eliminação ou diminuição do fator risco, controlado pela tecnologia dos equipamentos.		Recursos biotecnológicos: corpo, animais, artefatos de motor, artefatos mecânicos/tecnológicos.
ATIVIDADES LIGADAS À VARIEDADE DE PRÁTICAS					
VALORIZAÇÃO ÉTICO-AMBIENTAL DA PRÁTICA	Impacto ecológico.	Intensidade	Duração da atividade.	Estação do ano.	Momento do dia.
MODALIDADES		Duras: provocam impactos graves ao meio ambiente, pois são desenvolvidas com auxílio de máquinas			
AMBIENTE SOCIAL	Necessidade de atitudes individuais de colaboração em grupo para que a atividade siga adiante.	De acompanhamento do grupo.		De maneira individual.	
CARÁTER	Ativas, representadas pelas diversas categorias dos outdoor sports (ciclismo, trekking, escalada e o segmento de esportes que necessitam de máquinas, como off-roads, esqui, jet ski e vela, entre outros).	Passivas, nas quais o participante contempla, discute, frui e observa a natureza.			

Fonte: Adaptação de Bétran (2003).

Krippendorff (1989) completa, apontando características sintomáticas presentes na síndrome das férias. Trata-se do período de adaptação fisiológica ao novo ambiente/situação, à alta ansiedade para um desempenho favorável, ou à tensão gerada pela ousadia necessária para a exposição a algumas das formas mais radicais. O que algumas práticas de AFAN, alguns esquemas logísticos e operadoras não levam em consideração.

No que tange ao aspecto da ousadia, Greemberg (2002: 16) aponta a correlação entre três fatores importantes: o *compromisso*, no sentido de envolver-se no que está sendo feito; o *controle*, representando a convicção de que pode influenciar o curso dos eventos; e o *desafio*, o qual envolve a expectativa de que a mudança é normal e levará ao crescimento pessoal. Greemberg, diferentemente de Krippendorff, enfatiza estudos que associam a ousadia com níveis inferiores de pressão sanguínea e triglicerídeos, menor sofrimento psicológico, menos doenças e maior adequação e felicidade conjugal.

A ousadia e a aventura mobilizam os indivíduos, não só para o consumo da máquina turística, mas, também, para a “compra” de outras emoções: o prazer do contato com a natureza e com o grupo social que se encontra no local, a segurança proporcionada pelo “risco calculado”, o relaxamento, as impressões relacionadas às experiências sensoriais, as vivências conscientes extero e proprioceptivas da corporeidade, a recreação e o status produzido por este estilo de vida. Schwartz (In Burgo & Pinto, 2002) evidencia essa relação, quando salienta a emoção, o risco e a aventura como dinâmicas metafóricas dos estilos atuais do lazer contemporâneo.

O potencial de sensação e emoção dessas atividades é condicionado à adequada escolha do ambiente/entorno onde serão realizadas e o planejamento. Nenhuma ação será suficientemente boa para combater a impressão negativa oriunda da decepção por parte daqueles que visitarem um local ou realizarem um roteiro inadequado.

Quanto ao ambiente/entorno, Bartley (citado em Beni, 1997) faz reflexões sobre a importância da percepção dos componentes sensoriais disponíveis em qualquer paisagem, classificados em função de forma, cor, luz, textura, som, temperatura e atmosfera.

Em relação ao planejamento, questões quanto às disponibilidades (vivenciar o trajeto ou chegar ao destino, arranjos físicos de atendimento, tempo, preço, grupamento de viagem) interferem diretamente nos roteiros turísticos. Os roteiros são itinerários organizados profissionalmente ou espontâneos, escolhidos pelos turistas (Sousa & Corrêa, 2000) ou, ainda, definidos por Beni (1997) como decisões de compra. Existem várias adjetivações, na literatura comercial, para os níveis de dificuldades na classificação dos roteiros; todavia, optou-se, neste artigo, apenas pelos dois extremos.



Os roteiros em AFAN mais radicais remetem-se aos percursos turísticos com acessibilidade limitada. Os locais possuem pouca ou nenhuma infra-estrutura; a duração é acima de três horas praticando o esporte. Os preços são de médios a elevados; envolvem riscos controlados e/ou possibilidade de acidentes em vários graus; utilizam materiais e equipamentos próprios, alugados ou não. Para realizar um roteiro como este, são exigidos alguns pré-requisitos: habilidades específicas, treinamento anterior em cursos previamente feitos, com checagem teórica e prática em ambientes controlados.

Os roteiros fáceis, também chamados de “batismos”,<sup>5</sup> correspondem aos percursos acessíveis, que possuem mais infra-estrutura, exigem menor tempo gasto no percurso ou na execução do esporte. Seus preços são mais acessíveis, não envolvem tantos riscos, não exigem tantas habilidades físicas. Podem ser praticados por pessoas comuns, de várias faixas etárias, desde que instruídas, no momento de execução do roteiro, correta e facilmente por monitores competentes e que respeitem o limite individual de cada pessoa do grupo.

Plog (1974) propõe uma nomenclatura mais elaborada. Classifica os sujeitos como: *turistas aloclêntricos*, os quais dão preferência às áreas não turísticas (descobrimento e fruição de novas experiências, antes que outros visitem a área, novas e diferentes destinações de viagem, com alto nível de atividade); *turistas semi-alocêntricos*, que não são aqueles que descobrem novas áreas, mas, sim, os que seguem as opções dos aloclêntricos às destinações de viagens que estes já descobriram e comunicaram a outros amigos. Ficam os turistas psicocêntricos, semipsicocêntricos e mesocêntricos sem ser abordados, em função de preferirem um turismo de massa, pólos receptores bem implantados e amplamente comercializados, diferenciando em muito das AFAN.

## Turismo alternativo: sensações e emoções de ecoturistas

### Metodologia

Este estudo tem uma natureza exploratória, por entender sua relevância na interpretação e análise dos dados de maneira mais aprofundada. Parte-se do fundamento de que “o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações” (Tavares, 2000: 28).

5. Aproximação feita por Bruhns (2003: 34) com os ritos de passagem realizados na Antiguidade: “[...] algumas práticas esportivas na natureza parecem ter substituído o sentimento de provação por um sentimento de purificação”.

Esse tipo de pesquisa favorece a compreensão da natureza subjetiva do comportamento humano, em seus aspectos de definição de mundo. Utilizam-se dados descritivos advindos da aplicação dos instrumentos capazes de permitir a penetração no universo imaginário e de representação dos envolvidos, segundo evidência Silva (1996).

O estudo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira relativa à pesquisa bibliográfica sobre a temática em questão e a segunda, referente à pesquisa exploratória, para se penetrar diretamente no universo pesquisado, conforme salienta Richardson (1989).

Foi elemento do estudo uma amostra composta por quatorze participantes, de ambos os sexos, de 15 a 40 anos, classes A, B e C, com autonomia financeira, com tempos variados de experiência nesse tipo de atividade e que se deslocaram de diferentes cidades, à procura de AFAN, para as cidades de São José do Rio Pardo e Caconde (SP).

O perfil dos participantes foi traçado aleatoriamente. Composto por dois motoqueiros de trilha, um casal de pescadores amadores, um turista excursionista, dois estudantes, três jogadores de futebol de fim de semana, um professor de Educação Física praticante de ciclismo *mountain bike* e duas famílias acampadas, com três entrevistados que se dispuseram a participar do estudo.

Apesar do ecletismo em termos do “caráter recreativo”, houve o predomínio de práticas ativas. A amostra participou de atividades que provocaram impacto ambiental, mas que não chegaram a ser graves, como os que ocorrem nas modalidades mais “duras” de AFAN.

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o “questionário de demanda”, adaptado da obra de Beni (1997: 406-420). Composto por perguntas abertas e fechadas, inquiriu sobre dados gerais (idade, sexo, escolaridade e características socioeconômicas), agrupamento de viagens, frequência de visitas ao ano, meios de hospedagem e alimentação, motivações para o destino turístico, impressões agradáveis e desagradáveis, avaliação da infra-estrutura do núcleo receptor, sensações que atraem para o ambiente, participação nas atividades de lazer e entretenimento do núcleo receptor, e meios de divulgação.

Os questionários foram aplicados diretamente pelos pesquisadores na amostra participante, durante dois fins de semana, em São José do Rio Pardo e Caconde (SP), consideradas, nesse estudo, como regiões receptoras na prática de AFAN.

Os sujeitos que se dispuseram a participar do estudo foram flagrados em seu momento de descanso entre a prática de atividades de trilha e a Prainha, ponto turístico local, com estrutura de *camping*.

Os dados foram analisados de forma descritiva, tendo em vista a natureza do estudo, por meio da utilização da técnica de análise de conteúdo temático, a qual, conforme salienta Richardson (1989), evidencia apenas o tema recorrente nas respostas, facilitando, assim, a compreensão das mesmas.

## Resultados

Em relação aos dados pessoais, tem-se, nesse estudo, que a maioria dos praticantes é composta por homens, 78,57%, contra 21,43% do sexo feminino. Percentuais bem próximos são apontados em Silva (2004), ao citar que, no site WEBVENTURE, em 2002, de 689 pessoas que praticavam AFAN, 163 eram mulheres, o que corresponde a 23,65%.

Dentre o público deste estudo, 57,14% são solteiros e 42,85%, casados, com idades variando entre 20 e 44 anos, distribuídos conforme a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2. Público do estudo – Idade em Anos

20 a 24	14%
25 a 29	25%
30 a 34	33%
35 a 39	14%
40 a 44	14%
TOTAL	100%

Dos pesquisados, 52,38% possuem ensino médio completo; 28,57%, superior incompleto; e 19,04%, superior completo. O perfil do grupo era formado por profissionais liberais, técnicos ou assemelhados, com 28,57%; autônomos, com 21,43%; diretores, gerentes ou proprietários, com 14,28%; estudantes, também com 14,28%; e outras categorias menos votadas.

Em relação à origem da viagem, à destinação turística, os dados indicam uma tendência de que o lazer na natureza atrainha o público urbano, especialmente da região circunvizinha (50%) e da capital do Estado (14,28%). Concorda Krippendorf (1989: 16), ao discorrer sobre a mobilidade nos dias de folga dos habitantes das cidades. O autor constata que, dos 40% do tempo livre de que essas pessoas dispõem, 30% gastam-no em excursões ou passeios curtos, e 10%, em viagens de férias.

No que tange ao aspecto do agrupamento de viagem, denota-se, no grupo pesquisado, que a maioria viaja com os amigos (33%), enquanto o menor percen-

tual (11%) refere-se aos sujeitos que viajam sozinhos ou em excursões organizadas por agências e entidades associativas (Tabela 3).

Tabela 3. Grupamento de viagem

Amigos	33%
Família	28%
Excursões do grupo	17%
Operadoras	17%
Sozinho	17%
TOTAL	100%

Os motoqueiros entrevistados citaram que costumam viajar em duplas e trios normalmente, mas têm um grupo, organizando eles próprios suas excursões.

No aspecto referente à frequência da visita, em função da proximidade do destino turístico ao local de moradia dos sujeitos, 57,14% responderam que o local já havia sido visitado em torno de seis a dez vezes; 21,43%, de três a cinco vezes; 14,28%, duas vezes; e 7,14%, uma única vez. Krippendorf (1989: 18) teoriza sobre esta alta frequência, citando os seguintes depoimentos:

[...] o desejo de voltar a viajar logo e com mais frequência ainda vai ressurgir rapidamente dentro de nós [...]

[...] Um perpétuo recomeço. Trabalhamos, sobretudo, para poder sair de férias, e temos necessidade das férias para poder retomar o trabalho.

O destino é visitado, mensalmente, por 42% dos entrevistados; semanalmente, por 35,71%; e anualmente, por 21,42% dos sujeitos, o que reflete várias viagens curtas ao longo do ano.

Os estudos de Betrán (2003), que apontam a transformação da estrutura do ócio, retratam o efeito acima descrito, sugerindo um novo escalonamento das férias, a qual deixa de abranger um único período longo e anual, para ser distribuída em diversos períodos mais curtos ao longo do ano. As pesquisas de Beni (1997) também apontam um aumento crescente do que se chama de “segundas férias”, contrapondo-se à previsibilidade dos indicadores de taxa e frequência de saída em férias tradicionais.

Com relação ao meio de hospedagem solicitado, como a maioria dos sujeitos (42,85%) permanece nesses locais até seis horas, isso não gera a possibilidade de pernoite. Para Beni (1997: 389), a solicitação de serviços feita por este público

remete-se à complementação de alimentação (sorvetes, doces, salgados), sendo que a estrutura de gastos dos sujeitos é composta por alimentação, recreação e, eventualmente, compras.

Daqueles que utilizam os feriados prolongados, os principais meios de hospedagem são os extra-hoteleiros, com 57,14%, compostos, principalmente, por acampamentos.

Quanto à principal motivação para o destino turístico, com 37% das respostas, a maioria declarou viagem de lazer e turismo, vide Tabela 4.

**Tabela 4.** Caráter da viagem: motivação

Lazer e turismo	37%
Familiar	24%
Esportiva	19%
Social	10%
Ecológica e cênica paisagística	14%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Os dados sobre o caráter da viagem corroboram os resultados dos estudos de Tahara e Schwartz (2003), em que os principais motivos de aderência às atividades físicas de aventura na natureza estão relacionados à busca da qualidade de vida ou, ainda, de formas paliativas ao esgotamento físico e psíquico.

Nesse contexto contemporâneo, o trabalho, cada vez mais mecanizado, compartimentado e fora da esfera da vontade, articula-se à monotonia do cotidiano, à racionalidade fria dos ambientes de trabalho, às deficiências nos setores de moradia e infra-estrutura rodoviária. Esses elementos geram o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos e emoções e a degradação da natureza. Concorde Bruhns (2003), ao ilustrar uma tendência adaptativa das populações urbanas de sensibilidade contida e das formas de percepção sensorial pouco estimuladas.

Ao serem questionados sobre as impressões agradáveis e desagradáveis, os sujeitos colocaram num plano consciente as variedades de sensações e emoções que causam o núcleo receptor em estudo e seu potencial receptivo. O acesso, os equipamentos sociais e serviços auxiliares, a densidade de turistas, a influência dessa presença nas atitudes dos entrevistados, a utilização expandida/reduzida da área para outras atividades, as atitudes em relação ao custo de alojamento, alimentação, recreação, administração, operação e urbanismo, instalação de lazer e recreação, os serviços de informação e proteção refletem sua percepção do meio.

Na Tabela 5, os entrevistados citaram como impressões desagradáveis:

**Tabela 5.** Impressões desagradáveis

Aumento de área construída da cidade	20%
Má exploração dos recursos	15%
Sujeira	13%
Vigilância ineficiente	13%
Desagrado com a variação do nível da represa	10%
Presença de outros grupos de turistas	08%
Barulho	05%
Sinalização inadequada ou ausente	05%
Estradas de acesso mal conservadas	05%
Falta de estrutura para a prática de AFAN	03%
Divulgação insuficiente no local	03%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

As experiências agradáveis e a importância da infra-estrutura como fatores de adesão também foram citadas nos estudos de Krippendorf (1989: 78-79), quando este salienta, inclusive, um depoimento colhido na comunidade em que seu estudo se deu, no qual o entrevistado aponta a justificativa para retornar ao local da seguinte maneira: “Por que sempre volto ao Club Aldiana? Porque, há dois anos, descobri por acaso esta comunidade de pessoas felizes. E a felicidade é contagiosa”.

Aspectos relevantes, como a gestão do sistema de turismo, saneamento, comunicações, energia, tráfego urbano, estacionamento, segurança, sinalização turística, paisagismo, alojamentos, instalações de lazer e recreação, serviços de informação, guias, documentação informativa e turística, proteção com menor custo e, até mesmo, a preservação da natureza, participam do cômputo no fator adesão para os participantes do estudo. Gutiérrez e Bordas (citados em Beni, 1997: 150) também destacam alguns desses elementos ao tratarem da competitividade nos mercados internacionais, afirmando que a concorrência se baseia na oferta de *clusters*.<sup>6</sup> A constatação anterior fica bem caracterizada, também, em Krippendorf (1989), quando destaca a diversão, o repouso, a proteção e a limpeza como atrativos turísticos.

6. Aglomerados de vários atrativos turísticos, infra-estruturas compatíveis e equipamentos e serviços receptivos, organização turística concentrada em âmbito geográfico bem delimitado, para atrair os turistas.

Outros fatores que desagradavam aos participantes foram apontados, principalmente relacionados ao aumento da urbanização da área, aos preços cobrados, especialmente na época da temporada, à sujeira e ao barulho, associados a outros turistas menos conscientes.

Veblen (1915: 142-143) já preconizava a degradação do meio ambiente, ao referir-se à ação dos esportistas – caçadores e pescadores, como sendo:

O costume de atribuir os seus pendores ao amor à natureza, à necessidade de recreação e quejandos, como motivos de seus passatempos favoritos [...] Com efeito, o fim mais perceptível da atividade do esportista é ele manter a natureza em estado de desolação crônica, mediante a matança de todas as coisas vivas, cujo aniquilamento possa empreender.

Vale acrescentar que, posteriormente a esta afirmação, autores como Pearce (1981) e Krippendorf (1989: 124), além de ecologistas e organizações não-governamentais, bem como as próprias entidades públicas ligadas ao turismo, alertam para os efeitos negativos do deslocamento de massas turísticas ao meio ambiente, ao destino receptor e aos autóctones sem planejamento. Os autores concordam que o recurso natural, sua população e o entorno devam ser mantidos, restaurados e melhorados, contemplando a expectativa do que se convencionou chamar de turismo sustentável.

Com relação às AFAN, várias de suas práticas, principalmente as que se utilizam de motores, produzem alto impacto ecológico, como destruição da vegetação, agressão à fauna silvestre, incêndios, lixo e erosão, colocando em risco ecossistemas frágeis, como já previa anteriormente Veblen. A ausência de indicadores de capacidade de carga, que um atrativo turístico natural pode suportar sem sofrer alterações, deixou de ser uma preocupação somente para os receptores, mas passou a ser condição básica para a manutenção do próprio fluxo turístico.

No que se refere às formas de interpretação das sensações recebidas pelos estímulos ambientais, o maior percentual (17,39%) refere-se à fuga do ambiente e da rotina diários, o que atrai os sujeitos ao centro receptivo por representar uma quebra no cotidiano. Outras sensações são apontadas na Tabela 6.

Observou-se que os entrevistados, numa atitude aberta e predominantemente ativa, se disponibilizam a praticar algum tipo de aventura, experimentar novas emoções ou descobrir sensações, quer seja por meio de uma atividade física, desde que segura, de moderada à radical; ou observando lugares interessantes, matas, animais; como, também, conhecendo e usufruindo a gastronomia, os temperos e as bebidas, típicos dos locais de visitação, o folclore, o clima e a altitude. Essas atitudes transformam o fim de semana em uma válvula de escape da rotina semanal de trabalho e do estresse cotidiano, impresso na vida em grandes centros urbanos.

Tabela 6. Sensações que atraem os sujeitos

Fugir do ambiente diário	23%
Distrair e divertir-se	17%
Buscar contato e sensibilização	15%
Fugir da poluição dos sentidos	15%
Andar, mexer-se	12%
Desligar e relaxar (acompanhado)	09%
Apenas não fazer nada	06%
Outros	03%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Esses dados corroboram os resultados dos estudos de Krippendorf (1989: 49) sobre o turismo de férias na Alemanha. Na pergunta de múltiplas respostas: “por que empreendeu uma viagem durante suas férias principais em 1985?”, o autor obteve os dados a seguir: desligar/relaxar (64%); fugir do cotidiano e mudar de ambiente (57%); recuperar as forças ou refazer as energias (51%); estar em contato com a natureza (40%); ter tempo um para o outro (40%).

Outras emoções e sensações também são evidenciadas durante esse estudo do referido autor, as quais apresentam, ainda, estreita relação com os resultados desta pesquisa, como o sentimento nostálgico quanto aos locais longínquos; o desejo de fazer descobertas, de aprender alguma coisa; de se sentir mais à vontade; de liberar-se da dependência social; de entabular contato social; de desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser; de viver livremente, procurar um pouco de felicidade (Krippendorf, 1989: 16-17).

Em relação às atividades preferenciais para a prática, ao se tomarem por base os conteúdos culturais do lazer, representados pelos interesses sociais, intelectuais, manuais, artísticos e físico-esportivos, propostos na categorização feita por Dumazedier (1974), as respostas salientam que, a respeito das atividades esportivas individuais ou em grupos, a natação foi a atividade desportiva mais praticada individualmente ou em dupla (23%), seguida por ciclismo e pingue-pongue, ambos com 12%, pelo futebol, a mais praticada em grupo ou em equipe, com 50%, e, com 28,57%, pelas corridas de carro, moto, cavalo, jipes ou gaiolas.

Com relação às atividades ao ar livre, independentemente da categoria esportiva, as mais votadas pelos pesquisados foram o campismo (31,03%), o pedestrianismo (20,69%) e a pesca (7,24%).

As atividades desportivas e recreativas alternativas, características desse destino turístico são as seguintes: empataadas, com 8,33%, o *trekking*, as cavalgadas, o rapel, o



*rafting*, o *bóia-cross*, e os campeonatos de pesca desportiva; 5,55% apontaram a orientação, o *rally* de gaiola, o *off-road 4X4*, o *motocross*, o *mountain bike* e o *jet-ski*.

Pode-se notar, pelas múltiplas respostas dos entrevistados, a falta de fidelidade a uma única modalidade que compõe o turismo ecológico, evidenciado pelo baixo índice observado em cada item citado, ainda que se perceba a interação em mais de uma atividade, especialmente quando estas são altamente veiculadas e valorizadas pela mídia de modo geral.

Silva (2004), em sua pesquisa intitulada “As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a ressignificação do papel feminino”, ao inquirir suas entrevistadas sobre os motivos de adesão à prática de AFAN, reconhece que também os modismos se fazem presentes nessa questão, salientando que, “para poderem conhecer novas propostas, as próprias pessoas passam a buscar o que está sendo oferecido, fomentado, inclusive o mercado destas práticas” (Silva, 2004, p. 77 e 78).

Em especial à questão sobre os meios de conhecimento, divulgação e veiculação da oferta turística, o conselho de parentes e amigos é o que predomina como meio de conhecimento, vindo em seguida viagens anteriores e outras formas de mídia impressa.

Miranda (citado em Betrán, 2003) discorda desse dado, uma vez que, baseado em um estudo realizado em 1993 sobre o assunto, o autor relata, a respeito da informação que a população obtém sobre essas atividades, que, em primeiro lugar, esta procede da televisão, depois dos amigos e, em terceiro lugar, da imprensa em geral.

Dentro do roteiro do estudo, foi nítida a percepção de que o lazer na natureza faz parte de uma cultura familiar, ao se verificar o índice de 21,43% de conhecimento do destino em viagens anteriores.

Beni (1997), ao relatar sobre as tensões antes da viagem propriamente dita, em função dos processos de decisão pelos quais passa o consumidor antes de sair de casa, informa que o sujeito está muito receptivo à assistência de fontes, como operadoras, agências de viagens, associações profissionais, publicidade, folhetos, amplo material audiovisual, vídeos, imagens na *Internet*, programas de TV, filmes dos roteiros e outras fontes impessoais, favorecendo uma conduta impulsiva, quando se apresenta estrategicamente emitida e em tempo hábil.

## Considerações finais

Desde que o homem optou por se fixar no meio urbano e se adaptar a este modo de vida, permeado pelas condições do capitalismo moderno, mudanças tecnológicas e vivenciais contínuas de superficialidade nos relacionamentos, de aprisionamento ao tempo medido da produção, vem sentindo a necessidade de reconstruir seus valores éticos, morais, culturais e sociais.

Nessa situação de desconforto e desgaste, o reencontro com a natureza apresenta um modo de vida, muitas vezes idealizado, mais simples, cada vez mais valorizado e, com ele, a possibilidade de retorno positivo da imagem da liberdade de opção no lazer, com a pesca amadora e esportiva, a cavalgada, a caminhada, o acampamento, práticas que existem desde os primórdios da civilização. Além disso, essas atividades oferecem importantes vivências corporais e psicomotoras, pois o lazer vivenciado na natureza, especialmente pelo turismo, requer o “participar”, o “incluir”, o “confiar”, reforçando os laços de cooperação e solidariedade, e enriquecendo seus praticantes com ligações vivas e afetivas com o ambiente e com o mundo social.

Tendo em vista os resultados apresentados no estudo, podem-se associar os roteiros turísticos com o perfil dos pesquisados, definido em função de faixa etária, sexo, condição de viagem e tipo de grupamento, gasto, permanência, tempo disponível, meio de hospedagem, serviços e equipamentos oferecidos pelo local/cidade.

Se o perfil do turista é alocêntrico e ele está em busca de descobrimento e fruição de emoções e sensações ligadas a novas experiências, este sujeito deverá estar disposto a altos níveis de atividade, procurando locais de acessibilidade limitada, estando consciente dos riscos em que poderá se envolver, do preço a ser pago, da necessidade de treinamento anterior, do tipo de equipamento a ser utilizado e do agrupamento de viagem mais conveniente, que o acompanhará neste roteiro de nível mais radical.

Porém, se o perfil é semi-alocêntrico, como os entrevistados nesta pesquisa, os roteiros de nível mais fácil são os mais indicados, pois atendem tanto aqueles que desejam um pouco de aventura como os que querem apenas relaxar e se divertir. Neste caso, vale salientar que, ao optarem por este tipo de roteiro, os aspectos assinalados acima estão em conformidade com as emoções, os desejos e as sensações não só individuais, mas também do grupamento de viagem com o qual esses turistas estão envolvidos.

Por ampliarem o leque de opções de atividades físicas ou esportivas em conjunto, simplificarem a prática para as pessoas comuns e proporcionarem o convívio social, os roteiros turísticos mais fáceis contribuem para um maior grau de aderência às diversas atividades de lazer na natureza.

Com base nos dados levantados, sugere-se uma sintonização entre as emoções e sensações que se esperam de uma vivência de atividades físicas em ambiente natural, associada a uma avaliação racional do que o local pretenso tem para oferecer, evidenciando-se a necessidade de aprofundamento desses e de outros elementos circundantes às discussões aqui evidenciadas.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A. R. S. 1999. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus.
- BENI, M. C. 1997. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC- São Paulo.

- BETRÁN, J. O. 2003. *Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza*. In: MARINHO, A. & BRUHNS, H.T. *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole.
- BRUHNS, H. T. 2003. *No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções*. In: MARINHO, A. & BRUHNS, H. T. *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole.
- COSTA, V. L. M. & TUBINO, M. J. G. 1998. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 6, n.2.
- DUMAZEDIER, J. 1974. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.
- GREEMBERG, J. S. 2002. *Administração do estresse*. São Paulo: Manole.
- KRIPPENDORF, J. 1989. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MACHADO, A. B. M. 2000. *Neuroanatomia funcional*. São Paulo: Atheneu.
- MARINHO, A. 2003. *Lazer, natureza e turismo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11, Campinas. *Anais...* Campinas, 2003, p. 186.
- McINTOSH, E. R. 1977. *Tourism: principles, practices, philosophies*. Ohio: Columbus.
- PEARCE, D. 1981. *Tourist development*. New York: Longman.
- PLOG, S. C. 1974. "Why destination areas rise and fall in popularity", *Tourism destination*. New York: The Cornell H. R. A. Quartely.
- RIBEIRO, I. C. 1998. 175 f. *Ecologia de corpo & alma e transdisciplinaridade em educação ambiental*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.
- RICHARDSON, R. J. 1989. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- SCHMIDT, R. A. & WRISBERG, C. A. 2001. *Aprendizagem e performance motora*. Porto Alegre: Artmed.
- SERRANO, C. 2000. *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos.
- SILVA, R. L. 2004. 158 f. *As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a resignificação do papel feminino*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.
- SOUZA, A. M. & CORRÊA, M. V. M. 2000. *Turismo – Conceitos, definições e siglas*. Manaus: Valer.
- SCHWARTZ, G. M. 2002. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S. & PINTO, L. M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- TAHARA, A. K. & SCHWARTZ, G. M. 2003. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. *Revista Lecturas, Educación y Deportes*. Buenos Aires: v. 8, n. 58.
- TAVARES, M. C. C. F. 2000. *Abordagem de pesquisa em atividade física adaptada*. Campinas: CODESP.
- VEBLEN, T. 1979. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Abril.

Recebido em: 09/09/2004.

Aprovado em: 10/03/2005.